

## DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO HIPERTEXTUAL: UMA BREVE REVISÃO<sup>1</sup>

Samuel de Carvalho Lima \*

Dayse Medeiros de Sousa \*\*

Wigna Thalissa Guerra \*\*\*

**Resumo:** O letramento, nos dias de hoje, possui sentidos muito amplos e complexos, os quais, muitas vezes, ainda se entrelaçam com o sentido de alfabetização. Pensando no processo de ensino da leitura e da escrita, propomo-nos a investigar quais as relações entre letramento e alfabetização para que possamos compreender duas especificações do letramento: o digital e o hipertextual. Procuramos, através de revisão bibliográfica, apresentar algumas definições/distinções entre alfabetização, letramento, letramento digital e letramento hipertextual (XAVIER, 2005; ALMEIDA, 2005; BUZATO, 2007; FREITAS, 2010; BOLTER, 1991; LÉVY, 1999; XAVIER, 2005; LOBO-SOUSA; PINHEIRO; ARAÚJO, 2008; PINHEIRO; ARAÚJO, 2012, 2016; STREET, 2003; SHETEZER; WARSCHAUER, 2000). Advogamos pela compreensão do letramento digital como responsável pelas relações entre tecnologias digitais, ferramentas, aparelhos, e seus usos, tornando aqueles que se valem dessas tecnologias não apenas meros operadores, mas indivíduos que interpretam e produzem sentido por meio de leitura e escrita crítica em um suporte diferente. Esse é um conceito amplo que, como argumentamos, pode também abarcar o conceito de letramento hipertextual, sendo entendido, às vezes, como um conceito diferenciado que é responsável pelas relações entre a leitura e a escrita oportunizadas por essas tecnologias e as condições de produção e recepção desses textos.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Letramento; Letramento digital; Letramento hipertextual.

### 1 Introdução

As tecnologias estão influenciando as práticas de ensino da leitura e da escrita, contemplando o mundo de forma ativa. Com os avanços tecnológicos na sociedade, surgiu a necessidade de mudar as formas de pensar e de agir na escola. Os responsáveis pela oferta do ensino na escola tiveram, ou estão tendo, portanto, de se adaptar às novas e complexas maneiras de ensinar. Para Xavier (2015), cabe aos estudiosos da educação e da linguagem refletir sobre essas práticas sociais e de uso da linguagem em sociedade.

---

<sup>1</sup> Este texto é tributário ao TCC intitulado *Da alfabetização ao letramento hipertextual: revisando, conceituando, delimitando e diferenciando práticas de leitura e escrita* do curso de especialização em Educação e Contemporaneidade, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, campus Mossoró.

\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professor do IFRN, campus Mossoró.

\*\* Especialista em Educação e Contemporaneidade pelo IFRN, campus Mossoró.

\*\*\* Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (POSENSINO – IFRN/UERN/UFERSA).



A escola de hoje precisa ter a consciência de que o tratamento da leitura e da escrita deve estar amparado não somente no uso dos meios tradicionais de comunicação como rádio, TV e jornais, mas também no uso dos meios de comunicação e de informação modernos como computadores, internet, ambientes virtuais de aprendizagens, aplicativos, entre outros. Esses novos aparatos, aliados aos tradicionais, podem ajudar no favorecimento da oferta de ensino que oportunize o aperfeiçoamento da leitura e da escrita. Portanto, é imprescindível que, na escola, os professores estejam preparados para trabalhar com a união dessas tecnologias.

Pensando na inserção da tecnologia digital dentro da escola, sentimos a necessidade de pesquisar e aprofundar os conhecimentos sobre o letramento digital e o letramento hipertextual, pois seus conceitos e compreensões possuem implicações na atuação do professor face a uma sociedade mais democrática, participativa, constituída pelo que é plural e, ao mesmo tempo, integradora (IMBERNÓN, 2000).

Para que possamos entender a distinção entre letramento digital e letramento hipertextual no contexto da oferta de ensino, organizamos nossa proposta iniciando com o tratamento do conceito de alfabetização, a fim de que possamos compreender a emergência do conceito de letramento e, posteriormente, chegarmos à defesa das especificações dos letramentos, mais precisamente, o letramento digital e o letramento hipertextual.

Subsidiaram as discussões sobre o conceito de alfabetização e letramento os estudos de Soares (2004; 1988), Goulart (2006), Kleiman (2005) e Nascimento (2017). Em relação às concepções acerca das especificidades do letramento, contribuíram para o debate os estudos de Tfouni (1995), Soares (2002; 2004), Kleiman (2005), Xavier (2005), Street (2003), Franco e Castanheira (2016) e Cristóvão e Vieira (2016). Para o embate sobre letramento digital, embasamo-nos nas leituras de Xavier (2005), Almeida (2005), Buzato (2007), Lima (2009), Freitas (2010) e Silva (2012). Para a discussão sobre letramento hipertextual, embasamo-nos em Bolter (1991), Lévy (1999), Xavier (2005), Koch (2005), Lobo-Sousa, Pinheiro e Araújo (2008), Pinheiro e Araújo (2012).

Assim, o presente artigo foi realizado através de revisão bibliográfica de textos que discutem ensino, alfabetização e letramentos. Procuramos apresentar algumas concepções sobre o que é alfabetização, a emergência do conceito de letramento e quais distinções existem entre letramento digital e letramento hipertextual. Organizamos o artigo da seguinte forma: na seção seguinte, discutimos o ensino da leitura e da escrita através das concepções acerca da alfabetização e do conceito de letramento; posteriormente, abordamos o letramento digital e apresentamos a discussão acerca do letramento hipertextual.



## **2 Ensino: alfabetização e letramento**

A inserção dos indivíduos no mundo da escrita e da leitura deve-se, formalmente, ao processo de alfabetização. Nesta seção, abordamos algumas problematizações em relação à concepção tradicional de alfabetização.

De acordo com Soares (2004), a compreensão da alfabetização consiste em perceber uma autonomização nas relações entre o sistema de escrita alfabética e ortográfica convencional, ou seja, como meio de aquisição da leitura, da escrita. Aponta para uma concepção tradicional de que é preciso codificar e decodificar as letras e os números. Consideram-se, prioritariamente, que ocorram as relações entre o sistema fonológico, os sistemas alfabético e ortográfico, com instrução de forma direta, explícita e sistemática. A concepção tradicional de alfabetização é compreendida como um processo de aprendizagem grafofônica.

Kleiman (2005) compreende o ensino da alfabetização como uma prática mais ou menos cristalizada e específica. Os saberes, os participantes e os materiais envolvidos são diversos e buscam garantir o sucesso no desenvolvimento desse processo: conhecimento do sistema alfabético, professores, alunos, ilustrações, livros didáticos, entre outros. Para a autora, a alfabetização desenvolve-se de forma sistematizada em um ambiente organizado para que ela possa acontecer, atendendo a normas e preceitos, tais como o processo de codificação e decodificação através de atividades direcionadas como leitura em voz alta, rimas, ditados de palavras, roda de leitura, ou seja, produções orais e escritas.

A compreensão mais tradicional sobre o ensino da alfabetização dialoga com a problematização de Goulart (2006, p. 452), que elucida que essa visão está vinculada à tese de que a linguagem escrita é o resultado da “fala por escrito”. Assim, sistemas escritos teriam sua origem na motivação e no objetivo de representação dessa fala. Nos dias de hoje, muitos professores ainda trabalham com essa perspectiva em suas práticas de ensino, justamente pelo fato de concordarem que a escrita registra a fala, além de reproduzirem essa concepção em seus discursos.

Ao refletir acerca dos efeitos que a condição de alfabetizado promove no indivíduo, surgiu a tentativa de ampliar o conceito de alfabetização, tendenciado a um processo crítico de aprendizagem da leitura e da escrita que fosse além dos conhecimentos tradicionais e dos elementos linguísticos já apontados. Assim, em estudo posterior, Soares (2009) aponta que a aprendizagem da leitura e da escrita de um modo restrito não mudaria o estado ou a condição do indivíduo no que diz respeito a aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos,



linguísticos e até mesmo econômicos. Precisáramos ir além. Diante dessa conjuntura, a concepção de letramento emerge através do confronto com a compreensão da alfabetização.

Para uma melhor compreensão do fenômeno intitulado letramento, contemplamos o posicionamento de Xavier (2005). Para o autor, a condição de alfabetizado não garante a apropriação das habilidades de leitura e de escrita, pois codificar e decodificar sinais gráficos em sua língua não são habilidades suficientes para uma participação ativa em sociedade. Com os avanços de estudos em um paradigma mais sociocultural, o tipo tradicional de aprendizagem já não se demonstra mais suficiente para garantir um conhecimento dinâmico e completo que garanta engajamento na sociedade através de práticas sociais mediadas pelas habilidades de leitura e de escrita.

Para Araújo (2007), a mudança na concepção tradicional para a perspectiva de alfabetizar letrando é necessária para que haja um engajamento dos indivíduos a partir de uma prática social de ler e de escrever. Para que isso aconteça, é preciso que a escola crie oportunidades através de práticas de ensino que vislumbrem situações concretas de escrita.

Percebemos, portanto, que surgem novas formas de ensino, mudanças de paradigmas, diferentes propostas de aprender a ler e a escrever. O conceito de alfabetização vai se modificando, alargando-se, ao ponto de já não contemplar o que a compreensão de letramento abarca.

Tendo em vista o exposto, o conceito de letramento delinea-se para além do processo de alfabetização. Na perspectiva de Soares (2002), o letramento apresenta-se como estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e escrita, de quem participa de acontecimentos em que a escrita é parte integrante de eventos da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação. Nesse sentido, a autora amplia o seu conceito ao longo de seus estudos, delineando-o como um estado ou condição, uma vez que ele representa a participação do sujeito nos eventos que envolvem a escrita. Devido à palavra letramento estar carregada de sentidos, o letramento resulta em variadas ações da leitura e da escrita. O reconhecimento dessa variedade implica no reconhecimento de uma pluralidade, ou pluralização, da compreensão de letramento, levando em consideração a interação com a palavra escrita, a comunicação visual, auditiva e espacial. A necessária pluralização do termo letramento se dá pelo uso de diversas tecnologias que permitem a inserção do sujeito em contextos significativos do uso da leitura e da escrita.

Soares (2004) apresenta que, no Brasil, os conceitos de alfabetização e de letramento se mesclam e, até mesmo, se confundem. A discussão do letramento nasce do conceito de alfabetização, o que tem levado a uma inadequada e imprópria síntese das duas expressões,



com prevalência do conceito de letramento sobre o de alfabetização. Para a autora, não podemos segmentar os dois processos, pois o ensino da escrita se dá concomitantemente por meio dos dois: tanto pela alfabetização, compreendida como uma etapa necessária de (re)conhecimento do sistema gráfico; quanto pelo letramento, compreendido como uso da escrita para a realização de práticas sociais.

Essa perspectiva de mescla de conceitos pode ser observada na descrição dos esforços de programas nacionais que visam à promoção da alfabetização no Brasil, por exemplo, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Dentro desse programa, as professoras alfabetizadoras, embora avaliem positivamente o desenvolvimento do mesmo, salientam que não é apresentada muita novidade, uma vez que o que é discutido no Pacto é também contemplado em outro programa, conhecido como Pró Letramento (NASCIMENTO; COSTA, 2017).

Salientamos ainda que, diante da diversidade de práticas sociais compreendidas pelo letramento, o contexto de investigação acerca de leitura e escrita é ampliado, tornando-se preocupação não apenas na oferta de ensino dos anos iniciais, como também na oferta de ensino superior. Dessa forma, Cristóvão e Vieira (2016) afirmam a relevância de programas que atendam alunos e professores universitários, uma vez que os letramentos acadêmicos, isto é, as práticas de leitura e escrita promovidas na universidade, demandam especificidades distintas daquelas do letramento escolar.

Para Franco e Castanheira (2016), o contexto digital também demanda especificidades, em vista dos novos rumos que a educação vem tomando, no sentido da consideração do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação nos processos de ensino/aprendizagem. Segundo as autoras, os letramentos digitais, considerados no plural devido à “enorme quantidade de práticas sociais que envolvem esse fenômeno” (FRANCO; CASTANHEIRA, 2016, p. 19), devem ser trabalhados através sob uma perspectiva social que gere sentido para a sua utilização, não apenas como uma ferramenta que vise trabalhar habilidades, desconsiderando os contextos social de suas aplicações. Tal consideração também é feita por Silva (2012), que defende que o uso de ferramentas da *web 2.0* deve ser feito de forma a se pensar nos usos sociais de tais ferramentas, não caindo em um simples tecnicismo.

No cenário internacional, o britânico Brian Street é um dos principais nomes em estudos do letramento. Suas principais contribuições situam-se no que se chama de Novos Estudos do Letramento (New Literacy Studies – NLS), movimento iniciado por James Paul Gee (1991 apud STREET, 2003) e que representa uma “virada social”. De acordo com Street

(2003, p. 77)<sup>2</sup>, o NLS “representa uma nova tradição da consideração da natureza do letramento, não focando tanto na aquisição de habilidades [...], mas no que significa pensar o letramento como uma prática social”. Essa abordagem distancia o letramento de uma ideia de habilidades adquiridas, situando-o em uma perspectiva de prática social. A partir do significado dado ao termo letramento, surgiram novos tipos de letramento, refletindo especificidades de relações entre práticas sociais e seus elementos mediadores (tecnologias). Na seção seguinte, discutimos duas dessas especificidades.

### 3 Letramento digital e letramento hipertextual

Houve muitas mudanças paradigmáticas desde a ideia de alfabetização até os novos olhares pressupostos no ato do entendimento sobre o que é letramento. Para tanto, houve mudança na compreensão do processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, saindo do papel para a tela – com as mais dinâmicas maneiras de se fazer leitura –, partindo-se do letramento tradicional para uma nova conjectura, que é o surgimento do letramento digital. Tratamos, nesta seção, a respeito de algumas visões, conceitos e compreensões do letramento digital, objetivando sua delimitação, bem como tentamos demonstrar como o letramento digital e o letramento hipertextual convergem em determinado ponto.

Para delimitar o letramento digital, é necessário compreender que ele está vinculado às TIC. A participação social na conjuntura contemporânea implica, necessariamente, a utilização das TIC. Xavier (2005, p.1) aponta-nos que o

crescente aumento na utilização das novas ferramentas tecnológicas (computador, Internet, cartão magnético, caixa eletrônico etc.) na vida social tem exigido dos cidadãos a aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos. Por essa razão, alguns estudiosos começam a falar no surgimento de um novo tipo, paradigma ou modalidade de letramento, que têm chamado de letramento digital.

Na perspectiva de Xavier (2005, p. 2), “possivelmente alguém, mesmo sendo alfabetizado e letrado, isto é, já dominando a tecnologia da leitura e da escrita e fazendo uso dos privilégios totais do letramento, seja ainda um ‘analfabeto ou iletrado digital’”. A utilização dos meios digitais é complexa e ampla, e, por isso, é difícil designar que alguém seja letrado digitalmente, pois, a cada momento, surgem novas tecnologias e novos aparatos para serem utilizados na sociedade. Acompanhar rapidamente essa evolução é um desafio, valendo ressaltar que o

---

<sup>2</sup> Nossa tradução livre de: “represents a new tradition in considering the nature of literacy, focusing not so much on acquisition of skills [...], but rather on what it means to think of literacy as a social practice” (STREET, 2003, p. 77).





*Letramento digital* implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser *letrado digital* pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital (XAVIER, 2005, p. 2)

Além disso, para o autor, as instituições escolares devem trabalhar urgentemente nessa perspectiva de leitura e de escrita para que os alunos alcancem novas habilidades que atendam às suas necessidades na convivência com esse mundo tecnológico que os cerca hoje. Assim, Xavier (2005, p. 2) afirma que é um grande desafio pedagógico, para os educadores e linguistas nos dias de hoje, “letrar digitalmente uma nova geração de aprendizes, crianças e adolescentes que estão crescendo e vivenciando os avanços das tecnologias de informação e comunicação”.

Xavier (2005) aponta que tanto o perfil do aluno como o do professor mudou. Por um lado, os alunos passaram a desenvolver muito mais independência e autonomia na aprendizagem; por outro lado, o professor também atualiza sua prática pedagógica para acompanhar esses novos alunos da geração digital, focando seus esforços para articular seus saberes a novas formas de ensino. O professor deve ser pesquisador e não mais transmissor de informações; deve ser gestor, e não instrutor; motivador, e não somente avaliador de informações.

Porém, é necessário entender que, para que se dê o letramento digital, é necessário ser letrado alfabético, pois a língua é mediadora das ações que se utilizam de telas digitais, como, por exemplo: o uso do relógio digital, dos tablets, dos celulares, dos computadores, dos aparelhos utilizados na medicina, dentre outros; ou seja, a alfabetização é necessária para identificar os comandos das tecnologias digitais. Ratificamos, portanto, que “a aquisição do *letramento digital* se apresenta como uma necessidade educacional e de sobrevivência” (XAVIER, 2005, p. 8).

Na esfera do ensino, é necessário que se trabalhe nessa perspectiva, pois passa a existir uma geração de indivíduos que já nascem inseridos em uma cultura digital, conhecidos como Geração Y, mais particularmente as crianças nascidas a partir de 1990, década em que as tecnologias chegaram com muita intensidade na sociedade. Assim, os conhecimentos devem ser direcionados para o uso de tecnologias digitais, para atender e garantir a essa geração conhecimentos significativos de forma que entendam e acompanhem os desafios presentes na nova era das TIC de forma crítica e autônoma. De acordo com Xavier (2011), a Geração Y é



constituída por pessoas que realizam com naturalidade, em seu cotidiano, algumas ou todas as ações descritas a seguir:

(a) jogavam e ainda hoje jogam vídeo-game com frequência em suas casas ou em lan-houses; (b) acompanhavam a evolução das versões de diferentes jogos eletrônicos; (c) vivenciavam a chegada e a popularização do computador e do celular on-line; (d) acessavam a Internet usando os primeiros navegadores que tornavam amistosa a relação homem máquina e permitiam que um usuário não especialista navegasse pelas informações da grande rede sem muita expertise em computação ( XAVIER, 2011, p. 4).

Além das ações citadas, podemos perceber também outras ações no cotidiano mediadas pelas TIC: o saque de dinheiro nos caixas eletrônicos, que fazem com que evitemos longas filas; o uso de internet *banking*, que possibilita as transações urgentes e cotidianas, contribuindo para comodidade e segurança dos indivíduos. Na comunicação, temos o *Facebook* e o *Whatsapp*, que favorecem interações diversas e instantâneas. São muitos os benefícios e muitas as vantagens do uso dos meios digitais, porém, precisamos nos posicionar de forma ativa e participante em relação a essas tecnologias, e, para que isso ocorra, é necessário que sejamos letrados digitalmente.

Categoricamente, a instituição escolar permanece assumindo um papel de grande importância no desenvolvimento de um sujeito letrado. Para tanto, deve estar amplamente preocupada em introduzir seus alunos no contato com os usos das TIC, promovendo o letramento digital. A palavra, seja na escrita ou na leitura, sempre ocupará um lugar importante no processo de ensino e de aprendizagem, em conjunto com outros fatores associativos desse processo. O letramento digital deve ser promovido na escola de forma pensada e planejada, contribuindo para além do processo de aquisição da escrita e da leitura, aprimorando saberes relacionados ao uso das tecnologias digitais, como podemos perceber nas palavras de Almeida:

O que as TIC podem trazer como contribuição efetiva à evolução do letramento é o emprego das múltiplas linguagens hipermidiáticas para a representação do próprio pensamento associado com a recuperação instantânea e a leitura de textos e hipertextos produzidos por si mesmo ou pelo outro, para o diálogo de ideias, a reconstrução do pensamento a partir do pensamento explicitado pelo outro, a análise da própria representação com a possibilidade de reelaboração. Emerge uma nova concepção do erro como objeto de análise, revisão e reformulação, cuja compreensão pode levar à evolução e à aprendizagem (ALMEIDA, 2005, p. 183-184).

Ampliando essa concepção, Buzato (2007) aponta para três compreensões sobre o letramento digital, esclarecendo como a sociedade está recebendo esse tipo de letramento.





Em primeiro lugar, é necessário encontrar mecanismos de análise que, em lugar de enfatizar, ou de refutar, descontinuidades ou rupturas entre letramento tradicional e letramento digital, ou, de forma mais abrangente, entre “cultura da tela” e “cultura do papel”, desnudem os modos da convergência, do conflito, da heterogeneidade e das contaminações mútuas entre esses conjuntos não claramente separáveis de textos e práticas. Penso que um passo importante nesse sentido seria dar-se menos ênfase ao “suporte” ou superfície da escrita a partir da constatação de que, por serem praticados ou discursados, superfícies nas quais se fixam (ainda que temporariamente) sistemas de representação como a escrita, sejam telas ou páginas, não têm necessariamente a força determinante que muitos estudos lhes atribuem (BUZATO, 2007, p.161).

Para o autor, o foco deve estar nas práticas de leitura e escrita, e não nas tecnologias que medeiam sua realização; isto é, não importa que seja em tela ou impresso. A importância não está na ruptura entre a cultura digital e a cultura de folhas de papel. Para um tipo de letramento existir, não é necessário que outro se anule, mas que passem a ser interdependentes. A leitura é uma prática, e as tecnologias, sejam impressas ou digitais, são ferramentas mediadoras dessas práticas em um contexto social.

Na perspectiva de Buzato (2007, p. 161), as pesquisas muitas vezes tentam descrever impactos do letramento digital sobre comunidades, instituições e/ou indivíduos em detrimento do movimento em sentido contrário, ou seja, “[...] das formas como diferentes grupos/instituições se apropriam desses letramentos e lhes conferem significados, finalidades e valores diversos”. O autor ainda afirma ser preciso

enfatizar que os novos mecanismos de produção, reprodução e difusão dos textos eletrônicos são fatores chave não apenas de uma nova relação com o conhecimento, mas também para a construção da transculturalidade. Pode-se mesmo argumentar que as novas possibilidades de conexão entre sujeitos remotos engendradas pelas TIC (ou em sentido mais amplo, a compressão espaço-temporal da globalização que as TIC operacionalizam) estão produzindo uma mutação na noção tradicional de “contexto” com a qual uma perspectiva sociocultural do LD precisa lidar. Não me refiro apenas ao reconhecimento da heterogeneidade como algo intrínseco a qualquer contexto, mas à própria noção de que o contexto seria um espaço-temporalidade que precede a prática social, ou que a envolve, como um contêiner (BUZATO, 2007, p. 161-162).

Para a delimitação do letramento digital, portanto, é necessário: ênfase na leitura e na escrita mediadas pelas tecnologias, sejam digitais ou impressas; consideração dos impactos do letramento e dos novos significados dados ao ato de ler e de escrever; construção da transculturalidade e das novas relações para aquisição do conhecimento. É necessário também pensar em cada tempo, espaço e contextualização, ou seja, em cada momento de práticas sociais e as tecnologias existentes em determinada época.



Shetzer e Warschauer (2000) apresentam três dimensões que contemplam o que seria letramento digital: comunicação, construção e pesquisa. Para a comunicação: contatar indivíduos ou grupo de indivíduos selecionando a tecnologia apropriada aos seus propósitos comunicativos. Como exemplo prático dessa dimensão, temos a utilização de programas e redes sociais como *Facebook*, *Whatsapp*, *chats*, entre outros que possibilitam a comunicação instantânea e a interação entre pessoas e grupos. Quanto à construção: criar e administrar páginas e *sites* na *web*, bem como combinar efetivamente o texto com outras mídias em formato hipertextual. Para a pesquisa: localizar, organizar e fazer uso das informações presentes na *web*, citando e dando créditos às fontes.

Os autores também entendem que há várias premissas que compõem o letramento digital. A primeira delas refere-se ao que estudos já citados abordam, considerando sujeito letrado aquele que não apenas domina a leitura e a escrita, mas que produz sentido a partir do ler e escrever, entendendo tais processos como práticas sociais que variam de acordo com a sociedade, cultura e situação em que ocorrem. A segunda premissa diz respeito ao entendimento de que não há apenas uma forma de letramento, mas que há vários letramentos que precisam ser dominados para que haja, de fato, o letramento digital. A terceira premissa é a de que letramento digital é diferente de letramento computacional. Esse último dando conta apenas de operações simples, como ligar e desligar o computador e saber operar programas presentes na máquina, indo o primeiro muito além, fazendo com que o sujeito letrado interprete e produza sentido no meio digital.

Podemos notar que não existe uma formulação bem definida para o conceito de letramento digital. No entanto, a atualização do conhecimento sobre esse assunto nos possibilita delimitá-lo levando em consideração a capacidade do indivíduo de estabelecer sentidos através de textos multimodais mediados pelas TIC, a aptidão para localizar, filtrar e avaliar os conhecimentos disponibilizados eletronicamente, a criticidade em responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita.

O letramento digital envolve a interação com as tecnologias e a interação dos sujeitos com os textos lidos e produzidos, como também pode ser compreendido como uma prática de leitura e de escrita aprimorada, contextualizada, criativa, contemporânea auxiliada pelas tecnologias da comunicação e da informação.

Para a compreensão da defesa que se faz na literatura em favor da especificidade do letramento na categoria hipertextual, é necessário, antes, conhecer um pouco sobre o entendimento de hipertexto.

Segundo Bolter (1991, p. 3), no texto impresso existe uma considerável distância entre autor e leitor, pois “o autor do texto impresso é *a monumental figure* (uma figura monumental) e o leitor é apenas *a visitor in the author’s cathedral* (um visitante na catedral do autor)”. Já no texto eletrônico, ou seja, no hipertexto, a distância entre autor e leitor diminui, porque o leitor se torna, ele também, autor, tendo liberdade para construir, ativa e independentemente, a estrutura do texto. Para Bolter (1991), o hipertexto é construído pelo leitor no momento da leitura, pois, fazendo escolhas entre várias alternativas propostas, é ele quem define o texto, a sua estrutura e seu sentido.

Segundo Lévy (1999, p. 56), o hipertexto é “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. O texto no papel é escrito e lido linearmente, sequencialmente da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra; o texto na tela, o hipertexto, é escrito e lido de forma multilinear, multissequencial, acionando-se *links* que vão trazendo telas em uma multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida.

De acordo com Xavier (2005, p. 6), o hipertexto “é a página eletrônica da Internet que permite acesso simultâneo do leitor a textos, imagens e sons de modo interativo e não linear, possibilitando visitar outras páginas e, assim, controlar até certo ponto sua leitura-navegação na grande rede de computadores”. Para o autor, o uso dessas tecnologias, como ferramentas pedagógicas, lançam desafios aos conceitos e às atividades de aprendizagem nos dias atuais no que se refere à escrita e à leitura.

O hipertexto, como um instrumento de aprendizagem, transfere aos estudantes muito mais responsabilidade e autonomia em relação às informações que acessam e que constroem com suas próprias produções multimodais, já que proporciona aos aprendizes um ambiente adequado para a exploração e para a autodescoberta de saberes. Por ser muito instantânea a conexão com muitos documentos na rede, o usuário de hipertexto tende a conferir mais agilidade à leitura e a aumentar a capacidade de um pensamento mais dinâmico, crítico e ativo, aprimorando suas habilidades de análise e de cruzamento de informações (XAVIER, 2005).

Xavier (2005) afirma que o uso do hipertexto implica um conjunto de aptidões mentais que envolve, entre outras: capacidade para compreender os novos princípios que ajudam a organizar e armazenar conhecimento em um ambiente virtual, não mais em locais físicos, como livros; habilidades para navegar em *links*, que são instrumentos auxiliares de navegação nos ambientes virtuais, direcionando suas habilidades para “sacar” os dados apresentados na



tela de modo diverso como em textos, imagens e sons, que necessitam ser escolhidos em meio a tantas outras informações disponibilizadas nos sites e em toda a Internet.

O autor salienta que é cedo para defender os benefícios à aprendizagem trazidos pelo hipertexto, pois existem poucas pesquisas que os comprovem. No entanto, defende que o hipertexto força os educadores e estudiosos da linguagem a repensarem os objetivos educacionais, as metodologias de ensino e as escolhas pedagógicas.

De acordo com Lobo-Sousa, Pinheiro e Araújo (2009), existem três fases do hipertexto. A primeira, marcada pelo surgimento das *homepages*. A segunda, caracterizada pelos avanços da tecnologia, marcada pela presença dos *links*. A terceira e atual geração, marcada pela intervenção dos usuários nos sistemas, podendo interagir em blogs, listas de favoritos e sites através de comentários, sugestões, curtidas etc.

Na perspectiva desses autores, o surgimento do letramento hipertextual se dá pela insuficiência do uso de hipertexto e do letramento digital para dar conta da especificidade das mobilizações necessárias para a enunciação em ambientes virtuais hipertextuais. Surge, portanto, para acompanhar a multiplicidade de linguagens encontradas hoje na *web*.

Devido à heterogeneidade, como afirmam os autores, é emergencial a construção da especificação do letramento hipertextual na busca da compreensão da “concepção do termo letramento hipertextual como uma nova categoria do letramento digital, com base na ideia de que todo letramento hipertextual é digital, mas nem todo letramento digital é necessariamente hipertextual” (LOBO-SOUSA; PINHEIRO; ARAÚJO, 2009, p. 119). A cada época e a cada avanço tecnológico, surge a necessidade de se adaptar, educacional e socialmente, as culturas vigentes, por isso podemos dizer que existem diversos tipos de letramentos.

De acordo com Pinheiro e Araújo (2012), o letramento hipertextual necessita de um conceito que se adapte às exigências atuais. Com o uso da internet, o letramento hipertextual ganhou mais ênfase em termos de compreensão de textos e de interações. Conforme Bolter (1998 *apud* PINHEIRO; ARAÚJO, 2012), as possibilidades são infinitas, existindo uma vasta combinação entre imagens, textos e outros aparatos que possibilitam uma maior interação do leitor com o conteúdo lido.

Em relação à multilinearidade, observamos que houve uma mudança no que se refere à forma de se ler um texto entre o impresso e o hipertextual, principalmente no que se refere à ordem da leitura, pois, na leitura em hipertexto, podemos sair de um texto e visitar outro, retornar ao que se estava lendo de forma muito mais dinâmica. Porém, salientamos que a diferença maior está na dinamicidade possibilitada na tela. Afinal, conforme já apresentado, sair de um texto e visitar outro também é possível no impresso quando, através do sumário de

um livro, por exemplo, vamos direto a uma determinada página. Esses movimentos multilíneares são possíveis, também, no impresso, quando tratados na perspectiva da recepção psicolinguística (o leitor do texto).

Há, portanto, a argumentação de que há uma categorização do letramento que o especifica e o distingue do letramento digital: o letramento hipertextual. Aqui retomamos as categorias propostas por Shetzer e Warschauer (2000), que dizem respeito ao letramento digital.

A primeira categoria, a comunicação, diz que “[...] aprender a comunicar-se efetivamente através do computador envolve mais que uma mera tradução de um contexto de comunicação para outro; **envolve novas formas de interação e colaboração**” (SHETZER; WARSCHAUER, 2000, p. 174, grifos nossos)<sup>3</sup>. Assim, muito mais que um novo suporte para a comunicação, o meio digital exige que quem dele faz uso domine-o. Há uma nova forma de interagir, seja por meio de redes sociais, seja por meio de *chats* ou fóruns. A segunda categoria proposta por Shetzer e Warschauer (2000, p. 174) entende que “a construção de documentos on-line é, geralmente, um processo colaborativo”<sup>4</sup>, pois os hipertextos podem ser produzidos por um time, ter conexões com trabalhos de outros autores e a possível interação que os hipertextos produzidos podem ter com uma audiência que, por vezes, pode não ser aquela à que se destina (SHETZER; WARSCHAUER, 2000).

A terceira categoria, a pesquisa, explicita a necessidade de o sujeito que age no meio digital ser letrado criticamente para saber o que pesquisar, como pesquisar e analisar de forma crítica se o que se encontra na rede é válido e encaixa-se àquilo que exige sua pesquisa.

Considerando as categorias propostas por Shetzer e Warschauer, poderíamos dizer que o conceito de letramento hipertextual proposto por Pinheiro e Araújo (2012; 2016) pode ser percebido nas entrelinhas do que propõem os primeiros autores. Um dos pontos levantados por Pinheiro e Araújo (2016, p. 410, grifos nossos) diz que “[...] a elaboração é um processo sociointerativo porque é na **coletividade que o material vai sendo gerado**, em um processo sobre o qual **um feixe de letramentos gravita**, dando-lhe um caráter polifônico e dialógico”, Trecho que dialoga com a colaboração referida por Shetzer e Warschauer (2000) na categoria de construção, visto que nessa etapa os autores enfatizam que o hipertexto pode ser construído de forma colaborativa. Nesse mesmo trecho, vemos emergir também uma das premissas

---

<sup>3</sup> Nossa tradução livre de: “[...] learning how to communicate effectively via computer involves more than just translating from one communications medium to another; it involves new ways of interacting and collaborating (SHETZER; WARSCHAUER, 2000, p. 174).

<sup>4</sup> Nossa tradução livre de: “[...] on-line construction of documents is generally a collaborative process [...]” (SHETZER E WARSCHAUER, 2000, p. 174).



propostas por Shetzer e Warschauer (2000): os muitos letramentos necessários para que se possa desenvolver um hipertexto.

Mais uma vez, no que se refere à colaboração na fase de construção, podemos perceber a aproximação entre o que Shetzer e Warschauer (2000) e Pinheiro e Araújo (2016, p. 411) propõem, quando os últimos autores dizem que, desse modo, em uma escrita hipertextual, como percebemos, na elaboração do material didático, há um enfraquecimento da autoridade do autor porque ele não é o único a elaborar o ‘texto’, pois há uma colaboração, muitas vezes, multidisciplinar.

Tal colaboração ocorre pelo fato de que, na construção do hipertexto, como já mencionamos, vários sujeitos podem estar envolvidos, cada um dominando áreas diversas do conhecimento, gerando essa “colaboração multidisciplinar”.

Pinheiro e Araújo (2016, p. 424) definem o letramento hipertextual “[...] como um fenômeno inclusivo, pois agrega diversos letramentos, como o tradicional, o oral, o visual, o tecnológico, o informacional, o comunicacional etc”, o que seria a necessidade de domínio de muitos letramentos, como também já propuseram Shetzer e Warschauer (2000), citados anteriormente. A defesa é de que, para a leitura em hipertexto, o leitor lança mão de estratégias que utilizaria para uma leitura impressa e utiliza outras próprias da leitura hipertextual. Para a leitura do hipertexto, é requerida a habilidade do letramento verbal para além dos aspectos ortográficos, necessitando, também, os aspectos sociais e culturais para realizar uma leitura significativa.

O conceito de letramento informacional de Pinheiro e Araújo (2015, p. 204, grifos nossos) pode circunscrever-se na categoria de pesquisa de Shetzer e Warschauer (2000), já que

dados mostraram que o letramento informacional não se circunscreve apenas à habilidade de busca e acesso à informação, pois é necessário que o material elaborado desperte a necessidade de ir além dessa habilidade, uma vez que, **no contexto da internet, é imprescindível saber avaliar a autenticidade, a precisão, a aceitação, o valor e a parcialidade da informação encontrada.**

Isso porque é justamente na categoria de pesquisa que se exige um leitor crítico, capaz de realizar os movimentos de avaliação de “autenticidade, a precisão, a aceitação, o valor e a parcialidade da informação encontrada”.

É possível, então, dizermos que o conceito de letramento hipertextual proposto por Pinheiro e Araújo (2012; 2016) apresenta uma forte aproximação ao amplo conceito de letramento digital proposto por Shetzer e Warschauer (2000), confundindo-se com esse





conceito, sendo reconhecido dentro das categorias e premissas elaboradas por esses autores no que se refere ao atos de ler e escrever no meio digital.

#### **4 Considerações finais**

A inserção das novas TIC na educação tem aberto debate e perspectiva de mudança de concepção de ensino e de aprendizagem, e o professor passa a ter a tarefa de incluir essas tecnologias na sua prática pedagógica significativamente.

Em relação à alfabetização, vimos que esta refere-se à conquista da escrita, e, conseqüentemente, implica aprendizagem de competência para leitura, escrita e aquisição de saberes sobre as normas e as convenções padrões da língua portuguesa. Já para pensar o letramento, é necessário problematizar aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. O letramento busca estudar e descrever não somente o ensino da leitura e da escrita, mas um ensino que leve os indivíduos a atenderem adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita que a sociedade apresenta.

No entanto, vale ressaltar que o letramento não exclui a alfabetização. Deve haver uma união entre os dois, pois o letramento necessita da alfabetização para ser contemplado. Alfabetizar letrando é ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. A linguagem é um elemento social, que leva em consideração uma organização de forma ativa nos aspectos cultural e social.

Em relação à compreensão sobre o letramento digital, geralmente delimitado em face ao processo de ensino-aprendizagem no âmbito da educação, entendemos que se constitui na realização das práticas sociais previstas na categoria do letramento de forma especificada, sendo práticas de leitura e escrita mediadas pelas TIC. Assim, estabelecem-se novos compromissos da educação, principalmente no que se refere à promoção da cidadania dos estudantes. Afinal, é necessário estar apto a desenvolver práticas sociais mediadas pelas TIC para poder participar ativamente da sociedade da informação. Pensar sobre letramento digital, portanto, é pensar sobre ensinar os alunos a utilizarem os meios digitais de forma significativa, preparando-os para lidar com as TIC, vistas como novas formas de interagir no mundo e com o mundo.

Para o entendimento do letramento hipertextual e a busca de sua diferenciação, a compreensão e a consideração sobre hipertexto se fez subjacente. Grosso modo, hipertexto pode ser compreendido como uma página eletrônica da internet que possibilita ao leitor abrir várias janelas em uma interatividade e dinamicidade adaptável a suas necessidades, acessando diversidade de textos simultaneamente, portadores de sons, imagens interativas, vídeos e

outras semioses de forma não linear. O letramento hipertextual, como vimos, consiste na forma como se interage com o hipertexto, em termos de produção e de recepção, como atualizamos sua leitura através da dinâmica e da simultaneidade de textos que se reúnem em hiperlinks. Tal conceito dialoga com o conceito de letramento digital proposto por Shetzer e Warschauer (2000), podendo ser parte desse conceito mais amplo, e não algo diferente dele.

Um dos grandes desafios das instituições de ensino é trabalhar com urgência um conjunto de informações e de habilidades, capacitando, o mais rápido possível, tanto os professores quanto os alunos para viverem como verdadeiros cidadãos nesta sociedade cada vez mais cercada por máquinas eletrônicas e digitais.

### **FROM TRADITIONAL LITERACY TO HYPERTEXTUAL LITERACY: A BRIEF LITERATURE REVIEW**

**Abstract:** Literacy as we know it today is complex in meaning and may still have connections with the traditional literacy which had a focus on the language itself, not taking into consideration social issues, for example. Our aim is to understand the relationship between literacy nowadays and traditional literacy in order to comprehend two literacy specifications: electronic and hypertextual literacies. Through a literature review (XAVIER, 2005; ALMEIDA, 2005; BUZATO, 2007; FREITAS, 2010; BOLTER, 1991; LÉVY, 1999; XAVIER, 2005; LOBO-SOUSA; PINHEIRO; ARAÚJO, 2008; PINHEIRO; ARAÚJO, 2012, 2016; STREET, 2003; SHETEZER; WARSCHAUER, 2000) some definitions/distinctions between traditional literacy, literacy, electronic and hypertextual literacies were presented throughout the text. We advocate for the understanding of digital literacy as responsible for the relationships between digital technologies, tools, devices, and their uses, making those who make use of these technologies not only mere operators, but individuals who interpret and produce meaning through reading and writing critically in a different support. This concept of electronic literacy can, at certain point, incorporate the concept of hypertextual literacy, responsible for the relationships between reading and writing in a digital support and the conditions of production and reception of these texts.

**Keywords:** Traditional literacy. Literacy. Electronic literacy. Hypertextual literacy.

#### **Referências**

ARAÚJO, Júlio César. Os gêneros digitais e os desafios de alfabetizar letrando. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v.46, n.1, p.79-92, Jan./Jun. 2007.

ALMEIDA, M.E. B. Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. In: SCHLÜNZEN JUNIOR, Klaus, (Org.). **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BOLTER, J. D. **Writing Space: The Computer, Hypertext, and the History of Writing**. HILLSDALE, N. J.: L. Erlbaum, 1991.

BUZATO, M. E. K. **Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital**. Campinas: [s.n.], 2007.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; VIEIRA, I. R. Letramentos em língua portuguesa e inglesa na educação superior brasileira: marcos e perspectivas. **Ilha do Desterro**, v. 69, n. 3, p. 209-221, Florianópolis, set./dez., 2016.

FRANCO, R. A. R. S.; CASTANHEIRA, M. L. Práticas de letramento acadêmico no Facebook. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 69, n. 3, p. 13-28, set./dez. 2016.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.03, p.335-352, dez. 2010.

GOULART, C. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, set./dez. 2006.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: Cefiel/ IEL/Unicamp, 2005.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOBO- SOUSA, A. C. et. al. Letramentos que emergem da Hipertextualidade. IN: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (Org.). **Letramentos na web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc. Campinas**, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 25, Jan./Apr. 2004.

NASCIMENTO, F. A.; COSTA, L. S. A leitura literária no pacto pela alfabetização na idade certa. **REVELL**, v. 1, n. 15, p. 12-35, 2017.

PINHEIRO, R.C; ARAUJO, J. Letramento hipertextual: por uma análise e redefinição do conceito. **Rev. bras. linguist. apl.** [online], v.12, n.4, p. 811-834, 2012.

PINHEIRO, R. C.; ARAÚJO, J. C. Letramento Hipertextual: Um Amálgama De Letramentos Demandados Em Cursos On-Line. **Trabalhos Em Linguística Aplicada**, v. 55, p. 401-431, 2016.



PINHEIRO, R. C.; ARAÚJO, J.C. . Práticas de letramento informacional demandadas na elaboração de material didático para o ensino on-line. **Revista Linguística**, v. 11, p. 192-206, 2015.

SILVA, S. P. Letramento digital e formação de professores na era web 2.0: o que, como e por que ensinar?. **Hipertextus Revista Digital**, n. 8, jun. 2012.

STREET. B. (2003). What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. In: **Current Issues in Comparative Education**. Teachers College, Columbia University, v.5, n.2. Disponível em:  
<[http://people.ufpr.br/~clarissa/pdfs/NewInLiteracy\\_Street.pdf](http://people.ufpr.br/~clarissa/pdfs/NewInLiteracy_Street.pdf)>.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

XAVIER, A. C. S. Letramento Digital e Ensino. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1. p. 133-148. Disponível em:  
<<https://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. **Calidoscópio (UNISINOS)**, v. 9, p. 1-16, 2011. Disponível em:  
<[http://www.professores.uff.br/screspo/PSI\\_P2\\_artigo8.pdf](http://www.professores.uff.br/screspo/PSI_P2_artigo8.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2015.